

Informática espera crescer ainda mais depois da reforma

por Luis Leonel
de São Paulo

A indústria de informática, que tem ostentado taxas de crescimento da ordem de 30% nos últimos anos, não deverá desacelerar o ritmo com a chegada da economia estável. Ao contrário, pisará mais fundo o acelerador, diz o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Computadores e Periféricos (Abicomp), Antônio Luiz Mesquita, que prevê um crescimento para 1986 da ordem de 35 a 40% em relação a 1985.

Para Mesquita, "a informática é hoje indispensável em qualquer tipo de economia e negócios e o 'pacote' econômico, ao premiar a eficiência na produção, levará as empresas a investirem em sistemas de computação como forma de aumentar o controle sobre seus custos. O controle rígido de qualquer custo industrial é hoje fundamental", explica.

O segmento de automação bancária, que vem sendo indicado como capaz de recriar o ímpeto de crescimento do setor como um todo, não deverá, segundo os fabricantes desses produtos, ser prejudicado pelo "pacote". "Nenhum banco automatizou porque tinha dinheiro sobrando, mas porque precisava da automação", justificou o presidente da Digirede, Arnon Schreiber.

Segundo ele, embora os bancos tenham dado sinais de inquietação e temor de novos investimentos nos primeiros momentos após o "pacote", a tendência é de se normalizarem as encomendas já no início do próximo semestre.

A Digirede tem recebido confirmação de várias encomendas, disse o gerente de marketing da empresa, Luís Antônio Mascaro. Fechou, dia 4 de março, um contrato com o Banespa no valor de CZ\$ 140 milhões, para instalação de equipamentos de automação em

150 agências desse banco das quais 40 já estão prontas.

A SID Informática, do grupo Machline, assinou no dia 24 do mesmo mês, contrato com o Banco do Brasil, para automatizar 51 agências e 109 subagências no Rio de Janeiro. Valor do negócio: CZ\$ 130 milhões. A empresa teve, além disso, confirmadas no mês passado as encomendas do Bradesco, cerca de 1.200 terminais de consulta, e continua negociando a continuidade do processo de automação na CEF.

"NÃO HÁ VOLTA"

Outra que vem recebendo sinais de que o mercado de automação bancária não está desaquecido é a Itaútec, do grupo Itaú. Assinou contrato no valor de CZ\$ 90 milhões com o Banco do Brasil para automatizar 106 agências e subagências do banco em São Paulo.

Para o presidente da Divisão SID, Antônio Carlos Rego Gil, a continuidade dos investimentos em automação por parte dos bancos é essencial. "Não há volta em tecnologia", disse. Schreiber, da Digirede, acredita que os bancos desativem suas agências menos operosas para concentrar atividade nas mais movimentadas, que, em razão disso, terão de ser automatizadas para atender a um maior fluxo de clientes.

Josef Manasterski, vice-presidente da Scopus — uma empresa que produz computadores e periféricos de uso geral —, acha que o "pacote" trouxe benefícios. Primeiro porque as despesas financeiras, que no caso da Scopus eram maiores que as despesas operacionais, vão praticamente desaparecer. Segundo porque a perda mensal com clientes que atrasavam pagamento, de cerca de CZ\$ 1 milhão, também vai sumir com o fim da inflação. A Scopus, que faturou Cr\$ 300 bilhões em 1985, espera para 1986 um crescimento de 60%.